

## ESCRITA ACADÊMICA: PROCESSO REFLEXIVO DO DIZER

*ACADEMIC WRITING: REFLECTIVE PROCESS OF SAY*

**Sulemi Fabiano-Campos<sup>1</sup>**  
**Elza Maria Silva de Araújo Alves<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Neste artigo, objetivamos analisar formas reflexivas do dizer na escrita do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança em quatro dissertações de mestrado selecionadas do portal domínio público – CAPES e defendidas nos anos de 1979, 1989, 2000 e 2011. Centramos nos pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1998; 2004, 2011) no que confere à heterogeneidade enunciativa, mais especificamente nas formas reflexivas do dizer que se referem ao campo das não coincidências do dizer e, no que se refere à noção de interdiscurso, proposta por Pêcheux (2010). Os resultados apontam para dois processos de escrita reflexiva: um que representa discurso de forma transparente ou opacificada e outro que apresenta um discurso fonte do dizer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita acadêmica; Formas reflexivas do dizer.

**ABSTRACT:** In this article, we aim to analyse reflexive forms of say in writing the speech about the concepts of variation and change in four dissertations selected portal public domain – CAPES and defended in the years of 1979, 1989, 2000 and 2011. We focus in the theoretical presuppositions of Authier-Revuz (1998, 2004) as regards the enunciative heterogeneity, more specifically in the reflexive forms of say that it refer to the field of not coincidences of say, and that it refers the notion of Interdiscourse, proposed by Pêcheux (2010). The results point to two processes of reflexive writing: one that represents speech of transparent form or opacity and other one who presents a speech fountain of say.

**KEYWORDS:** Academic writing; Reflexive forms of say.

### INTRODUÇÃO

O artigo tem como propósito apresentar um estudo sobre a escrita acadêmica no que tange a forma de escrever de pesquisadores que se encontram no nível de mestrado. Partimos do pressuposto de que, ao escrever o discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança, o pesquisador tende a se relacionar com as teorias vigentes de forma constitutiva.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos do Texto e do Discurso/GETED e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – GEPPEP/USP. E-mail: sulemifabiano@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Estudo da Linguagem - PPgEL/UFRN, integrante do Grupo de Estudo do Texto e do Discurso – GETED. Professora da Rede Municipal de Ensino de Natal/RN. E-mail: elza.alves29@yahoo.com.br

Nesse sentido, o nosso trabalho centra-se nos pressupostos teóricos de Authier-Revuz (1998, 2004, 2011), no que confere à heterogeneidade enunciativa, mais especificamente as formas reflexivas do dizer que se referem ao campo das não coincidências do dizer, formas linguísticas *inventariáveis*, as quais os enunciadores empregam para responder aos encontros que promovem nas palavras que enunciam através de laços metaenunciativos que demonstram um dizer pontualmente atravessado por um discurso não coincidente com ele mesmo; e no que se refere à noção do interdiscurso, proposta por Pêcheux (2010). Para esse autor, o lugar de constituição de um sentido escapa à intencionalidade do sujeito.

A partir da noção do interdiscurso de Pêcheux e da teoria lacaniana, de um sujeito dividido pela linguagem, estruturalmente clivado pelo inconsciente, Authier-Revuz (1998, 2004, 2011) sistematizou duas concepções de sujeito. A primeira refere-se a um sujeito efeito do dizer, sujeito produzido pela linguagem. O dizer, nessa concepção, não é transparente para o enunciator. A segunda refere-se a um sujeito fonte intencional de sentido, que fala por meio de uma língua, compreendida como instrumento de comunicação; sujeito considerado capaz de representar sua enunciação e o sentido que esta produz.

Objetivamos, assim, analisar formas reflexivas do dizer na escrita do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança em quatro dissertações de mestrado.

Escolhemos, para o estudo, o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança, por três motivos: primeiro, porque nossa pesquisa busca a maior aproximação possível com a linguística; segundo, porque temos afinidade com a sociolinguística; e terceiro, porque manter a mesma teoria (a sociolinguística) favorece analisar, de forma mais clara, a articulação linguística entre a voz do pesquisador e os diferentes discursos que circulam sobre esses conceitos.

Os dados analisados foram selecionados a partir de um levantamento de dissertações de mestrado produzidas em diferentes programas de pós-graduação do Brasil disponíveis no portal domínio público – CAPES. Para melhor organizar a análise dos dados, denominamos cada um dos trabalhos: TP1/1979 (Trabalho de Pesquisa Um/1979), TP2/1989 (Trabalho de Pesquisa Dois/1989), TP3/2000 (Trabalho de Pesquisa Três/2000) e TP4 (Trabalho de Pesquisa Quatro/2011)<sup>3</sup>.

No tópico que segue trataremos da heterogeneidade discursiva e do sujeito dividido.

---

<sup>3</sup> TP1/1979 – A situação linguística da Sardenha, defendido em 1979; TP2/1989 - Aspectos linguísticos e sociolinguísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, defendido em 1989; TP3/2000 – Um estudo de variação dialetal: alternância de [ãw]~[õ] final no português falado na cidade de Cáceres; defendido em 2000; TP4/2011 - Nós/a gente: variação ou mudança?, defendido em 2011.

## A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E SUJEITO DIVIDIDO

Centramos nosso estudo no campo da exterioridade enfocada por Authier-Revuz (2004), a psicanálise de Freud marcada por Lacan. Dessa abordagem, o interesse da autora é a dupla concepção que se apresenta de “uma fala essencialmente heterogênea e de um sujeito dividido” (*idem*, p. 49). Sua reflexão se constrói em torno de um foco central, que se refere ao fato de que a palavra – supostamente capaz de carregar em si mesma uma intenção consciente que possibilite a comunicação efetiva, frequentemente “erra o alvo”, tropeçando, falhando, de forma a quebrar a continuidade da lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana. Essas “falhas”, geralmente atribuídas ao acaso, estabelecem rupturas no discurso, levando o falante a interromper o fluxo “normal” da conversa, desculpando-se, tentando reformular, apagar ou diluir seus efeitos. É nesse modo de análise psicanalítica que a pesquisadora assenta a sua teoria da heterogeneidade enunciativa.

A esses desvios, a psicanálise nomeia de atos falhos, que se apresentam sobre a forma de “lapso, falsa leitura, falsa audição, esquecimento, descumprimento de uma intenção, incapacidade de encontrar o objeto, perda, certos erros” (TEIXEIRA, 2006, p. 55).

Tais fenômenos demonstram que, “sempre nas palavras outras palavras são ditas”. Esse é o ponto central para Authier-Revuz: a estrutura material da língua permite a escuta dessas ressonâncias não intencionais, que rompem a suposta homogeneidade do discurso. A linguagem, no dizer da autora, é duplicada numa cena pela própria linguagem, e isso se deixa surpreender na linearidade, através da ruptura, choques e desvios. O discurso não se reduz ao dizer explícito; ele traz em si mesmo “o peso de um Outro”. A esse respeito, assim postula Authier-Revuz:

O Outro é o lugar estranho, de onde emana todo o discurso; lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda a subjetividade; dizer que o inconsciente é o discurso do Outro é reafirmar, de maneira determinista, que um discurso livre não existe e é dar-lhe a lei (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64).

Observa-se nessas palavras a concepção do discurso atravessado pelo inconsciente, que não é entidade homogênea, exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem.

Os conceitos de dialogismo, de uma fala essencialmente heterogênea e de sujeito dividido divulgam a ideia de que todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos

“outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. Tal atravessamento pode ser observado nas formas da heterogeneidade mostrada, as quais tomam no processo enunciativo, a função de emergentes da heterogeneidade constitutiva. Isto é, elas representam uma “negociação” obrigatória do sujeito falante com a heterogeneidade que o constitui e que ele tem necessidade de desconhecer. Essa negociação assume um papel de denegação (sentido freudiano). Ou seja, o sujeito, movido pela ilusão de ser o centro de sua enunciação, e, ao mesmo tempo, impossibilitado de escapar da heterogeneidade que o constitui, abre espaço em seu discurso para o não-um.

Nesse âmbito, Authier-Revuz (1998) propõe discutir a questão da autorrepresentação do dizer, a partir da noção de interdiscurso<sup>4</sup>, postulado por Pêcheux (2010), para quem o lugar de constituição de um sentido escapa à intencionalidade do sujeito, e da teoria lacaniana, de um sujeito produzido pela linguagem, estruturalmente clivado pelo inconsciente.

A partir desses conceitos, a referida autora sistematiza duas concepções de sujeito: uma que ela chama de sujeito-origem do dizer e outra que chama de sujeito-efeito do dizer. O primeiro é o sujeito que controla a enunciação, o enunciado e os sentidos por ele expressos. Um sujeito intencional, com propósito comunicativo definido. Sujeito que tem condições de, intencionalmente, representar-se em seu dizer, manipulando os sentidos, moldando-os para suas intenções discursivas. Nesse caso, é preciso reconhecer o caráter pragmático da linguagem e, conseqüentemente, a concepção de sistema de comunicação da língua, entendida como um instrumento através do qual o sujeito efetiva suas intenções e materializa seus objetivos. E o segundo o sujeito efeito do dizer, incapaz de controlar totalmente os sentidos que pretende expressar, aquele assujeitado ao inconsciente, da psicanálise, despossuído do controle de seu dizer (que também se coloca para o quadro da teoria do discurso desenvolvida por M. Pêcheux, lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito).

Consideramos que o dizer não poderia ser transparente ao enunciador, a quem escapa, irrepresentável, sendo determinado pelo inconsciente (e o interdiscurso). Impõe-se, então, a

---

<sup>4</sup> Interdiscurso: O conceito de ideologia é, pois, fundamental para a construção do intradiscurso, espaço privilegiado para o pensamento crítico poder explicar os constrangimentos sociais e políticos que influem na construção da subjetividade. Sendo o discurso concebido como um sistema de relações de sentido, o conceito de *interdiscurso* destaca-se no processo de subjetivação da linguagem: o sentido de um texto nunca pode estar declarado *a priori* por seu autor, mas é antes o resultado das relações complexas dos usos da linguagem com as formações discursivas. A distinção mais imediata entre os dois conceitos propostos por Pêcheux leva-nos a definir o interdiscurso como o “discurso de um sujeito” e do intradiscurso como a matéria linguística, ideológica, literária, simbólica, etc. pré-existente, uma espécie de imagem já conhecida de uma realização linguística que qualquer sujeito pode reconhecer. (Pêcheux, 2006, p. 67)

necessidade de repensar – de outra maneira que não simples reflexo – o estatuto dos fatos, observáveis, de autorrepresentação, em que a categoria lacaniana do imaginário permite compreender a posição metaenunciativa ocupada pelo sujeito que se representa acima do seu dizer, como que sob o domínio de um imaginário da enunciação, preenchendo para o enunciador uma necessária função de desconhecimento no que se refere ao real da enunciação, que, de múltiplas maneiras, escapa-lhe (AUTHIER-REVUZ, 1998).

No primeiro caso, a metaenunciação, as heterogeneidades enunciativas e as não coincidências do dizer devem ser interpretadas como uma manifestação explícita do controle discursivo exercido pelo enunciador. Tem-se como referência um sujeito, fonte intencional de sentido, que fala por meio de uma língua, compreendida como instrumento de comunicação; sujeito esse, considerado capaz de representar sua enunciação e o sentido que ela produz. Nesse sentido, as formas de representação que esse sujeito usa para representar seu próprio dizer são um reflexo da realidade do processo enunciativo.

Na segunda concepção, os exteriores teóricos tiram o sujeito do centro de seu dizer. Tem-se, nesse caso, um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente. O dizer, nesse sentido, não é transparente para o enunciador.

No próximo tópico, apresentamos as não coincidências do dizer que configuram como modalizações enunciativas, nas quais há uma duplicação de um termo por meio de um comentário reflexivo.

## AS NÃO COINCIDÊNCIAS DO DIZER

As não coincidências do dizer configuram-se em uma perspectiva enunciativa que duplica uso de um termo por um comentário reflexivo opacificante sobre esse uso. Essa modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de “uma maneira de falar”. Nesse caso, a enunciação representa-se localmente como afetada por não-um, como alterada – no duplo sentido de alteração e de alteridade –, em seu funcionamento, por um fato de não coincidência (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004).

Authier-Revuz (2004) ainda especifica as formas de representação da enunciação, ou as formas metaenunciativas, em subconjuntos de flexibilidade do dizer sobre ele mesmo que singulariza as formas da modalização autonímica, a saber:

1. formas metaenunciativas, “isoláveis”: na escrita, funciona como um comentário que é realizado sobre um já dito, e que, assim, é duplicado por uma representação do já dito.
2. formas “estritamente reflexivas”: correspondem a um desdobramento – no conjunto de um ato único de enunciação, do dizer – de um elemento por um comentário simultâneo desse dizer que acontece nos limites da linearidade.
3. formas “opacificante”: são formas da modalização autonímica que põem em jogo, na representação do dizer, as palavras que se lhe referem.

Tal estudo aponta para quatro campos de não coincidência ou de heterogeneidade em que o dizer se representa como localmente confrontado com pontos em que alterado, ele se desdobra.

1) A não coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário: figuras que tomam lugar no dizer inscrevem-se em duas versões:

a) referem-se aos casos em que o interlocutor é convocado a coenunciar, para produzir sentido partilhado por estratégias diversas –; injunção ao dizer em uma só voz: digamos X; apelo à boa vontade do outro: X permita-me dizer; suspensão do dizer ao querer do outro; X, se quiser, se entende o que eu quero dizer.

b) marcam dois sujeitos “não-simetrizáveis” – o que se configura é o fato de uma palavra, uma maneira de dizer ou um sentido não serem partilhados pelos dois protagonistas da enunciação: através dela, reinstaura-se o um da coenunciação no ponto onde ele está ameaçado. Ex.: “as palavras que eu digo não são as suas”; X, como vocês acabam de dizer, como vocês gostam de dizer.

2) A não coincidência do discurso com ele mesmo: é posta como constitutiva, em referência ao dialogismo de Bakhtin. Considera que toda palavra, por se produzir no meio dos outros discursos, é habitada pelo discurso do outro. Trata-se da interdiscursividade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1998), pela qual o enunciador se encontra com o fato incontornável de que o sentido do que se diz se constrói em outro lugar.

3) A não coincidência entre as palavras e as coisas: permite especificar tipos de fronteiras entre si mesmo e o outro, pelas quais o discurso produz, por diferença, uma imagem de si entre outros.

4) As não coincidências das palavras com elas mesmas: são formas que aceitam, rejeitam ou especificam o sentido a ser entendido em casos de polissemia ou homonímia: X nos dois sentidos da palavra; X no sentido figurado. Nessas formas, o locutor procura o sentido para a palavra, excluindo outros.

### ESCRITA COMO PROCESSO REFLEXIVO DO DISCURSO

Iniciamos a nossa análise tomando como base os estudos de Authier-Revuz no que se refere à linguagem como atividade reflexiva, aquela “em que as formas reflexivas correspondem ao desdobramento, no âmbito do ato único de enunciação, do dizer de um elemento por um comentário “simultâneo” – nos limites da linearidade – desse dizer” (2004, p. 82).

Desse modo, seguimos a segunda vertente da exterioridade enfocada por Authier-Revuz, para explicar a heterogeneidade enunciativa. Trata-se da exterioridade centrada na psicanálise de Freud e Lacan, a qual apresenta a dupla concepção de que a fala é particularmente heterogênea e o sujeito é dividido, produzido pela linguagem e essencialmente clivado pelo inconsciente, “sujeito destituído de toda posição de exterioridade, a não ser imaginária com relação à linguagem e seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 186).

Vejamos o que a autora propõe a respeito disso:

... entre as diversas abordagens que inscrevem assim todo dizer em uma interação coenunciativa, uma clivagem se faz, fundamentada em concepções opostas – explicitamente ou não – do sujeito e do sentido, partindo da (não)-coincidência (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 86).

É o campo das não coincidências que tomamos como base para analisar a escrita como um processo reflexivo do discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança na escrita das dissertações como processo reflexivo.

No excerto (4) do TP1, vemos:

(4) TP1-1979: [...] embrionariamente, já existiam variedades regionais, por causa das ondas inovadoras que alcançavam as regiões mais expostas (por exemplo, as costeiras), estas variedades regionais se tornaram dialetos em relação ao sardo comum, sobretudo, a variedade que mais sentiu o fluxo toscana de Pisa; o campidanês (p. 36).

Percebemos a escrita do discurso sobre os conceitos de variação e de mudança sobre o âmbito das formas reflexivas da linguagem em: “já existiam variedades regionais, por causa das ondas inovadoras que alcançavam as regiões mais expostas (por exemplo, as costeiras)”, pois há uma sobreposição de enunciações, e um jogo de imagens, de negociação. Nesse momento, o autor-pesquisador explica a existência de variedades regionais partindo de um discurso já proferido pelo teórico da sociolinguística. Observamos, então, a intersubjetividade. Ou melhor, é na relação com o outro que o sujeito se reconhece como tal e adquire consciência de si mesmo. O outro surge no processo de escrita do discurso sobre “os conceitos de variação e de mudança” como uma reflexão em que há uma produção de sentido comum compartilhado.

Nessa esfera, percebemos, na enunciação, duas dimensões do não um: o dizer do um apropria-se do dizer do outro. Nesse caso, supomos o dois do desdobramento. Percebemos isso nesta parte do excerto:

TP1-1979: “já existiam variedades regionais, por causa das ondas inovadoras que alcançavam as regiões mais expostas (por exemplo, as costeiras)”.

A expressão “já existiam” aponta para o fato de que há um conceito preexistente, seguido de uma causa não originada do dizer do pesquisador, mas remete ao teórico da sociolinguística. Temos, então, uma escrita do discurso mobilizado sobre os conceitos de variação e de mudança materializada a partir de um comentário, de uma metaenunciação, quando o enunciador formula exemplos de lugares onde há variedades regionais – por exemplo: “as costeiras”.

No estudo de Authier-Revuz (1998), no que se refere às formas reflexivas do dizer, a autora nos conduz a um sujeito que se inscreve no campo da linguagem como habitando uma posição, ao mesmo tempo, de efeito e de domínio. De efeito, se examinarmos sua inscrição a



partir do simbólico. E, de domínio, se a examinarmos a partir do imaginário. Ou seja, essas formas, no lugar em que apresentam falhas de não coincidências enunciativas, restauram a imagem ilusória de um sujeito mestre de seu dizer, no plano do tempo. No mesmo lugar em que apresentam a dimensão temporal do dizer, elas produzem a imagem ilusória de um sujeito e de um dizer. Na verdade, o que podemos absorver dessas informações é que o sujeito-pesquisador, a partir da concepção da autora, quando escreve um conceito por meio da metaenunciação, tem a ilusão de estar produzindo um discurso, uma escrita própria, um dizer próprio.

Isso nos remete à “categoria lacaniana do imaginário que compreende a ilusão de se fazer o um que habita o sujeito – e algumas produções teóricas – que se desdobra na posição metaenunciativa ocupada pelo sujeito que se representa acima de seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 167). Incluímos, desse modo, conceitos compartilhados entre o teórico e o pesquisador.

No excerto da dissertação defendida em 1989, selecionado da parte dos resultados encontrados, verificamos:

(6) TP2-1989: Outra importante noção para um entendimento do fenômeno da acomodação origina-se da teoria da atribuição causal. O conjunto de motivos e intenções que o indivíduo considera causas do comportamento dos outros é que o levarão a avaliar e interpretar as ações dos outros. Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante à intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência linguística não seja visto positivamente (p. 34).

Nessa parte do excerto, percebe-se o dizer do outro, interpretado pelo pesquisador:

TP2-1989: Outra importante noção para um entendimento do fenômeno da acomodação origina-se da teoria da atribuição causal. O conjunto de motivos e intenções que o indivíduo considera causas do comportamento dos outros é que o levarão a avaliar e interpretar as ações dos outros.

Na sequência, lemos a outra parte do excerto (6),

TP2-1989: Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante a intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência linguística não seja visto positivamente.

Nesse fragmento, o enunciador-pesquisador inicia a metaenunciação, o comentário reflexivo sobre o dizer da teoria, com a expressão “sendo assim”. O autor parte de um conceito que aparece reescrito por ele para concluir um posicionamento sobre o “fenômeno da acomodação da teoria da atribuição causal”. O enunciador se volta para o que foi dito a fim de retomar e concluir seu posicionamento.

Na concepção de Authier-Revuz (2011), esse comportamento consiste em paradas-sobre-palavras, que revelam um retorno, mesmo no tom genérico, situacional, pessoal, à linguagem; e, assim, o comentário reflexivo confere uma forma ao trabalho que está sendo escrito, sobre a linguagem que lhe é específica, de modo a atingir posições enunciativas extremas, arriscadas, paradoxais no retorno à linguagem que executa.

A escrita, realizada através da metaenunciação, de que tratamos nesta análise, está relacionada à opacificação do elemento autonímico representado pelo dizer, iniciando no fragmento do excerto “sendo assim [...]”; o qual aparece em oposição ao comentário de forma transparente. Isto é, a modalização autonímica, desenvolvida por J. Rey-Debove e retomada por Authier-Revuz, que opera entre dois deslocamentos em direção ao ponto de vista – um concebido como um modo de dizer “simples” de um elemento X que se refere a um elemento x, e outro dizer complexo, de desdobramento opacificante, no qual a nomeação do referente x se realiza com a intervenção, qualquer que seja o modo, do autônimo X. Esse modo de dizer opõe-se ao dizer “simples”, transparente (1998, p. 182).

No excerto seguinte, isso funciona assim:

TP2-1989 – Outra importante noção para um entendimento do fenômeno da acomodação origina-se da teoria da atribuição causal. O conjunto de motivos e intenções que o indivíduo considera causas do comportamento dos outros é que o levarão a avaliar e interpretar as ações dos outros. Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante à intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência linguística não seja visto positivamente (p. 34).

Modo de dizer de X:

TP2-1989: Outra importante noção para um entendimento do fenômeno da acomodação origina-se da teoria da atribuição causal. O conjunto de motivos e intenções que o indivíduo considera causas do comportamento dos outros é que o levarão a avaliar e interpretar as ações dos outros.

Referência ao elemento x:

TP2-1989: Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante a intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência linguística não seja visto positivamente (p. 34).

No que se refere ao exame das formas reflexivas do dizer, o “sujeito se desdobra sobre seu dizer. Vemos operar o duplo jogo dessa inscrição. Alienado em relação a um discurso que fala nele, o sujeito se distancia de sua palavra para dela falar, evidenciando, assim, quanto as palavras “não falam por si, mas pelo Outro” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26) e quanto ele se coloca na intenção de dominá-las, vemos que:

É no ápice desta contradição, que aguça a tensão entre o um e o ‘não um’ onde se produz a enunciação, que aparece a configuração enunciativa complexa da reflexibilidade opacificante: lá onde o lapso, por exemplo, faz furo de “não um” no tecido do dizer, lá onde ao contrário, em um discurso enunciado sem choque e sob um modo padrão (sem opacificações), é de forma não visível que jogam as distâncias das não-coincidências onde o discurso se constitui, na superfície aparentemente unida que ele desenrola e que é aquela em que, de fato, da mais cerrada das redes de ‘costuras’ ou de colagens invisíveis, a modalidade autonímica – sobre a qual no plano formal se tem destacado o caráter de “ruptura ligada” – aparece, ela nesse jogo de que ‘junta’ e de não-um que esgarça”, como um modo da costura aparente, que ressalta em um mesmo movimento a falha da ‘não coincidência’ enunciativa (contrariamente ao modo da ruptura ‘bruta’ do lapso) (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 26-27).

Tomando como parâmetro as palavras da autora, inferimos que, nos excertos (4) do TP1-1979 e (6) de TP2-1989, a enunciação se configura como complexa reflexibilidade opacificante, no sentido de ruptura ligada, uma vez que o dizer dos pesquisadores rompe com o dizer do outro, pois se liga por meio de comentários inferidos a partir dos conceitos teóricos em foco.

Vejamos agora o excerto (7) de TP3:

TP3-2000: Estes resultados podem ter alguma relação com a velocidade da fala, visto que, em situação estilística natural, a fala tende a ocorrer de maneira mais veloz, ou seja, fluindo com mais rapidez, uma vez que neste estilo não há policiamento no modo de falar, por ser uma forma descontraída de comportamento de fala. Sendo assim, estilo e velocidade de fala são dois aspectos diferentes, que podem se intercruciar ou não, dependendo da situação de fala em que o falante está inserido (p. 68).

Observando o excerto do TP3-2000, percebemos que o enunciador escreve os resultados da pesquisa relacionando-os “à velocidade da fala”, conceito já existente, e inicia o comentário reflexivo para provar seu dizer utilizando a mesma expressão usada pelo pesquisador do TP2, “sendo assim”. E então conclui seu posicionamento. O pesquisador utiliza uma forma metaenunciativa para explicar a conclusão de seu trabalho. Toma como seu o discurso do outro, por meio de um comentário sobre as afirmações daquele.

TP3-2000 – Estes resultados podem ter alguma relação com a velocidade da fala, visto que, em situação estilística natural, a fala tende a ocorrer de maneira mais veloz, ou seja, fluindo com mais rapidez, uma vez que neste estilo não há policiamento no modo de falar, por ser uma forma descontraída de comportamento de fala.

Essas formas de representação reflexiva do dizer adquirem um estatuto complexo, um modo de opacificar o discurso, que faz parte da constituição da enunciação, seja ela científica ou não.

Cabe também observar, por outro viés, a escrita do discurso sobre o conceito de variação e de mudança de que estamos tratando aqui está relacionada a não coincidência interlocutiva, que se refere às respostas do enunciador (pesquisador), as quais aparecem afetadas por um ponto de seu dizer – mais precisamente das formas que visam assegurar “condições” do compartilhamento pelos coenunciadores das maneiras de dizer e do sentido delas. É nesses dois planos que a conjuração da ameaça do não-um influi sobre a coenunciação. Todavia, vamos deter-nos na modalidade distinta, do restabelecimento do UM, em uma interlocução em que o dois ameaça a injunção a nós de “co-dizer” X de uma só voz. Diante da estratégia desses dois, é que o enunciador apaga a não coincidência do eu e do tu, anexando o outro a seu próprio querer, reduzindo a diferença entre ambos pela assimilação na

unidade de um nós-enunciador, estabelecido imperativamente por *ele*, como fonte das palavras “que ele escolhe”.

Em relação à análise dos dados, podemos inferir que o nós-enunciador é estabelecido por um *ele* no excerto (4) a partir do momento em que começa o comentário, ou seja, no enunciado:

TP1-1979: “por causa das ondas inovadoras que alcançavam as regiões mais expostas (por exemplo, as costeiras), estas variedades regionais se tornaram dialetos em relação ao sardo comum, sobretudo a variedade que mais sentiu o fluxo toscana de Pisa; o campidanês”.

Esse trecho mostra o discurso escrito estabelecido por um comentário, no qual estão embutidas as vozes do eu (um) e do tu (outro), fundindo-se no *nós* que pode direcionar para o “não um” da enunciação.

No (6), essa estratégia se apresenta no fragmento seguinte.

TP2-1989: Sendo assim, se o ouvinte atribuir ao falante a intenção de tratá-lo com superioridade, ameaça, insinuação ou mesmo ridicularização, fará com que o ato de convergência linguística não seja visto positivamente.

E no fragmento (7) de TP3-2000:

TP3-2000: Sendo assim, estilo e velocidade de fala são dois aspectos diferentes, que podem se intercruzar ou não, dependendo da situação de fala em que o falante está inserido.

Salientamos que cada uma dessas duas modalidades de escrita, no trabalho de pesquisa, tem sentido distinto. O conectivo “por causa” introduz “uma causa”, e esta denota “explicitação seguida de um motivo”. “Sendo assim” é sinônimo de “desse modo”, “dessa forma”, e indica uma conclusão. O eu do enunciador é fundido com o tu do teórico, surgindo o “ele”, que demonstra a ilusão do pesquisador de pensar que está escrevendo o discurso origem de seu dizer. Nesses excertos, as vozes se fundem, aparecendo uma só voz.

Dessa forma, os pesquisadores escrevem o discurso mobilizado sobre os conceitos teóricos de modo a conjurar, como afirma Authier-Revuz (1998), interpretando o funcionamento da língua, a não coincidência, no sentido de restaurar o UM.

Vejamos o excerto do TP4, retirado da parte dos resultados encontrados:

(7) TP4-2011: Nesta perspectiva, a língua deixa de ser apenas um conjunto de signos, de regras ou de frases gramaticais; passamos, então, a entender a língua como um fenômeno social, melhor ainda, como uma prática de ação interativa, totalmente dependente de seus usuários. Assim sendo, há por aqui um caráter político, histórico e sociocultural, não cabendo mais um estudo da língua desvinculado da interação.

O eu (enunciador) parte de um conceito já dito por um teórico da área a que está filiado e interpreta-o, reescrevendo-o a sua maneira:

TP4-2011: “Nesta perspectiva, a língua deixa de ser apenas um conjunto e signo [...]”

Desse modo, o interlocutor não é apenas aquele que pode recusar-se a coenunciar um termo, mas é também quem pode encontrar alteridade enquanto interpreta as palavras do outro. A não coincidência interlocutiva, nesse sentido, pode indicar certa incompletude entre o que o Um diz e o que o Outro compreende de X.

No dizer seguinte:

TP4-2011: “passamos, então, a entender a língua [...]”,

O enunciador-pesquisador modaliza o discurso escrito usando o verbo conjugado na primeira pessoa do plural “nós”, funde, assim, o “eu” e o “tu” em uma enunciação única; em seguida, vem o conectivo argumentativo “então”, no sentido de uma explicação. E ainda se utiliza de outra expressão argumentativa – “melhor ainda” –, que serve como contrapartida para o que foi dito antes. Há uma negociação entre o dizer do teórico e a interpretação do pesquisador. Há a representação do jogo interlocutivo com o interdiscurso, representado por um comentário.

Foucault (2011), tratando do comentário, afirma que este não tem outro papel senão dizer o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. O comentário conjura o acaso

do discurso, permitindo que este diga algo além do texto mesmo, mas com a condição de que esse dito seja de fato realizado. Isto é, o novo do discurso não é o que é dito, mas o que revela o acontecimento de sua volta.

Nesse sentido, inferimos que os comentários realizados pelos pesquisadores dispostos nos excertos analisados se voltam para um já dito, como todo discurso, e, às vezes, comparecem de forma representada, opacificada, outras vezes interpretada, produzida a partir de um dizer anterior. Tais comentários são abordados por Authier-Revuz como constitutivos do discurso, da escrita. É pelas palavras do outro que o sujeito se constitui como sujeito da linguagem. É pelo comentário de um já dito que o sujeito-enunciador rompe com o discurso do outro, e consegue transpô-lo no seu discurso.

Por conseguinte, é pelo acontecimento em volta do discurso que a enunciação se desenvolve sobre si mesma, sob a forma de uma metaenunciação. O comentário pode ser visto, portanto, como uma forma de escrever o discurso Outro. Essa escrita pode transmutar o discurso ou pode apenas traduzi-lo.

## CONCLUSÃO

A escrita, como processo reflexivo, apontada nas análises das marcas linguísticas do TP1-1979 demonstra que o pesquisador escreve o discurso do outro a partir de uma intersubjetividade. Ele escreve o discurso de forma a compartilhar o conhecimento, refletindo e comentando-o. Assim, tem-se a modalização autonímica do dizer, aquela que nos conduz a um sujeito que se inscreve no campo da linguagem como habitando, ao mesmo tempo, uma posição de efeito e uma de domínio. Teríamos possivelmente uma escrita que mostra um sujeito-efeito do dizer.

No TP2-1989, as marcas linguísticas apontadas na análise demonstram que o pesquisador escreve o discurso sobre os conceitos de variação e de mudança, utilizando-se da metaenunciação, o comentário reflexivo do dizer. Ele se volta para o que foi dito para retomar e concluir seu posicionamento.

As marcas analisadas do TP3-2000 apresentam indícios de formas de representação reflexiva complexas do dizer, aquelas que adquirem um modo de opacificar o discurso e que fazem parte da constituição da enunciação. A análise mostrou que o pesquisador tomou como seu o discurso do outro, por meio de um comentário.

A análise das marcas do TP4-2011 aponta para uma escrita reflexiva do discurso, na qual o eu enunciador (pesquisador) parte de um conceito já dito da área a que está filiado, interpreta-o e escreve a partir de seu entendimento. O pesquisador se apresenta como um interlocutor que pode encontrar alteridade enquanto interpreta as palavras do outro. É uma escrita que mais se aproxima de uma escrita reflexiva do dizer, na qual o sujeito-enunciador é fonte de seu dizer.

A partir desse estudo e tomando como parâmetro os pressupostos de Authier-Revuz (1998, 2004, 2011), inferimos que a escrita reflexiva, nos trabalhos de pesquisa analisados, parte de uma atitude metaenunciativa da linguagem e volta-se para um já dito – como todo discurso, comparece na forma mostrada e na não mostrada.

O comentário, recurso principal dessa forma de escrita, é um modo de se apropriar do discurso do outro, uma possibilidade de o sujeito transmutar o discurso, de ser fonte do seu dizer.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ J. A. **Palavras Incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Paradas sobre Palavras**: a língua em prova na enunciação e na escrita. Educ. Real, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 651-679, set./dez. 2011. Disponível em [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em 10/10/2012

FOUCAULT. M. **A ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

PÊCHEX, Michel. **Semântica do Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

TEIXEIRA, Marlene. **Análise do discurso e psicanálise**: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2. ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Data de recebimento: 29/06/2014

Data de aprovação: 09/03/2015